



Viver em multiplicidade - Estar na pista de Deus

31.05.2005 | Moltmann, Bernhard
Pieper, Friedhelm

Viver em multiplicidade - Estar na pista de Deus

Missão e Ecumena, testemunho e diálogo como campos eclesiais centrais de atividade

Tomada de posição da Câmara para Missão e Ecumena

da EKHN (Evangelische Kirche Hessen-Nassau = Igreja Evangélica de Hesse-Nassau)

O texto da tomada de posição remete a um pedido de trabalho, o qual a Câmara para Missão e Ecumena conferira ao seu Grêmio para Testemunho e Diálogo no mês de maio de 2002. O grêmio fora solicitado de esclarecer, numa tomada de posição teológica, a "relação cheia de tensão e dinâmica entre testemunho e diálogo. Nisso, deveria ser considerada a discussão que aumenta novamente ao redor da encomenda missionária da Igreja. Do processo de discussão, que resulta dessa encomenda, no qual membros da câmara, do grêmio e outras pessoas interessadas estavam participando, surgiu agora o texto presente, este que a câmara, na sua reunião em 29 de

outubro de 2003, tomou como o seu próprio.

O texto pretende dar contribuição à discussão que está aumentado de peso, a qual, de um lado, quer fazer justiça à importância da encomenda missionária e a qual, de outro lado, não se quer esquivar do desafio crescente do diálogo inter-religioso. Daí, se tenta visar também a relação dos dois campos de ação eclesiais "missão" e "diálogo" em relação um ao outro.

Francoforte sobre o Meno, (Alemanha), 4 de novembro de 2003

Dr. Bernhard Moltmann

Pastor Friedhelm Pieper

Nota prévia

Em vista da secularização crescente, números decrescentes de membros das comunidades e de uma ligação à Igreja enfraquecendo em geral, se pergunta hoje mais acentuadamente pela encomenda missionária dos cristãos. Nisso, na discussão presente sobre a encomenda missionária da Igreja, se mostra que imaginações diferentes de missão conduzem a acessos e centros de gravidade diferentes ao entendimento do agir missionário da Igreja.

Ao mesmo tempo, as comunidades se reencontram em virtude da globalização em vizinhanças inter-religiosas e interculturais. Não só no trabalho pelo mundo inteiro da ecumena, mas também no lugar, o encontro com outras religiões aumenta, colocando os membros de comunidades cristãs diante de desafios práticos e teológicos a respeito da sua convivência com os que crêem diferentemente no pluralismo religioso crescente das sociedades contemporâneas.

Está, portanto, a supor, tanto a respeito da encomenda missionária da Igreja como também a respeito do esclarecimento da relação a outras religiões, refletir sobre missão e diálogo como campos de trabalho centrais da Igreja.

A mudança histórica na missão

Campos de ação da missão

No entendimento de "Missão" e da atividade eclesial nesse campo de ação se chegou, nos últimos decênios, a mudanças extensas. Nisso, se volta a ver hoje de um lado e outra vez mais claramente o conexo dos campos de atividade clássicos "Missão Externa", "Missão do Povo" [Volksmission] e "Missão Interna". Ao mesmo tempo, esses campos de atividade entrementes amplamente independentes "Missão mundial/Ecumena", "Anúncio/Evangelização", bem como "Diaconia/Ajuda ao Desenvolvimento" dão as suas experiências e processos de aprendizagem à discussão atual sobre o entendimento de missão.

Nos decênios passados, as Igrejas de missão chegaram a ser Igrejas parceiras, regiões de missão chegaram a serem regiões de Igreja, nas quais agem Igrejas jovens autônomas. Sociedades de missão trabalham hoje em obras de rede ecumênicas internacionais junto com as Igrejas jovens parceiras e Igrejas de envio da Europa e da América. A atividade de missão na EKHN acontece em cooperação com a SEM (Evangelisches Missionswerk in Südwestdeutschland) = Obra Missionária Evangélica no Sudoeste da Alemanha) e a VEM (Vereinigte Evangelische Mission = Missão Evangélica Unida).

Evangelho e Cultura

No pôr em dia da história da missão, se mostrou que o entendimento de missão das Igrejas européias e americanas era muitas vezes ligado a contexto e sobreposto com imaginações políticas e sociais de colonização. Isso urgia para uma revisão do entendimento de missão. Igrejas e obras missionárias aprenderam nisso, que não pudesse ser a sua tarefa a de serem porta-vozes duma posição de primazia da cultura ocidental. O Evangelho vem hoje nova e criticamente de volta ao Ocidente. O processo aberto do encontro do Evangelho com a cultura respectiva (inculturação) chegou a ser, daí, também um assunto central na teologia missionária.

Desafios atuais para uma também crítica relação entre Evangelho e Cultura oferecem, entre outras, tendências para a privatização da religião nas sociedades européias e o completa e diferentemente situado uso de língua e motivos religiosos na sociedade e política americanas (religião cívica). Para as Igrejas, surge aqui a tarefa de elaborar, na base do Evangelho, a contribuição eclesial para a formação das sociedades civis européias, ao mesmo tempo, porém, com vista aos EUA, de examinar criticamente a aceitação da tradição cristã na formação política de opinião.

As disputas sobre a guerra no Iraque mostraram que a referência à tradição religiosa precisa duma reflexão crítica contínua, como isso foi articulado insistentemente por representantes de muitas Igrejas e comunidades religiosas nos EUA, na Europa e também em outras regiões. Onde estão os limites e critérios do uso público da língua religiosa?

***Missio Dei* [Missão de Deus]**

Nos respectivos contextos, as Igrejas aprendem hoje por todo o mundo a aprender a sua atividade missionária como participação da "*missio dei*": uma como volta ao mundo, a qual se entende como parte da volta ao mundo de Deus e que se, portanto, orienta nesta.

Nos escritos bíblicos, está sendo nomeado como sinal da volta ao mundo graciosa e misericordiosa isto: Deus protege os que caem, erige os humilhados (SI 145), perdoa aos ajuizados a culpa destes (SI 25), mantém fidelidade eternamente, procura direito aos oprimidos, dá pão aos famintos, libera os prisioneiros, abre os olhos dos cegos, protege os estranhos, procura para os órfãos e viúvas o direito destes, ama os justos e deixa os malfeitores ir para o errado (SI 146). Do movimento fundamental de liberar, curar e ajudar se efetua também a retificação e o juízo referente à soberba, mentira e injustiça.

Correspondentemente, estão sendo, para assim dizer, como valores fundamentais da vida cristã segundo o Sermão de Montanha de Jesus: conceder prevalência duma cultura de espírito em comparação a uma cultura puramente material, consolar que sofrem, viver misericórdia e sinceridade, se empregar persistentemente pela justiça, fazer paz, intervir em favor de reconciliação e perdão (Mt 5+6). Um estilo de vida cristão comunitário na base desses valores é "luz" e "sal" (Mt 5,13-16); tem o potencial de efeitos inspiradores e formadores de gostos (logo formadores de critérios) para a convivência das pessoas humanas no lugar e pelo mundo inteiro.

Segundo o conceito da "*missio dei*", missão "não está sendo mais entendida uma como organização especial da Igreja em regiões até agora ainda não missionarizadas do mundo ...; missão é uma expressão de vida da Igreja em todos os lugares e em todos os tempos"¹. Como expressão tal de vida, a missão pertence ao cerne da identidade da Igreja cristã.

Missão em seis continentes

Na colaboração ecumênica pelo mundo, as Igrejas se aprendem entender progressivamente como parceiras numa tarefa missionária em todos os seis continentes. Colaboram, pelo mundo inteiro, em parceria ecumênica, sabendo que o seu maior desafio está, ao mesmo tempo, sendo encontrado também em casa, viver como comunidade autêntica no respectivo contexto, celebrar a volta de Deus que lhe foi dada em Jesus Cristo, crescer mais profundamente para dentro do mistério da relação a Deus, voltando-se às pessoas humanas no seu lugar em palavra e fato. A promoção da vida comunitária local é tanto um caso missionário sério como repartir em solidariedade vivida, se empregar engajadamente para a superação de pobreza, injustiça, perseguição, penúria, doenças e atendimento medicinal insuficiente, recolhendo a contribuição da fé cristã na atividade para a promoção de paz, justiça e da conservação da criação.

Levar o Evangelho a ser tratado

Em virtude da secularização progrediente da sociedade europeia e do número de membros das Igrejas, as comunidades cristãs, também na Europa, estão enfrentando desafios completamente novos. Como poderão contribuir para que o Evangelho hoje aumentadamente entre no encontro com a sociedade des-ecclesializada e pós-cristã?

Vista à ligação religiosa diminuinte, é preciso que se crie, para os membros das Igrejas cristãs, crescentemente possibilidades do treinamento na fé cristã. Correspondente ao próprio ponto de gravidade e ambiente social, as comunidades podem desenvolver iniciativas criativas para encontros novos com a fé. Nisso, se trata de descobrir aonde a fé hoje chegue a ser simpática, possibilitando orientação: para mulheres e homens, para a geração mais nova e a mais velha, para crises de desenvolvimentos no caminho da vida, bem como para as disputas na política e cultura, na economia e na ciência.

Para a promoção duma vida integral de comunidade, poderão, conforme o ponto de gravidade nas comunidades, se poderão tornar importantes os aspetos seguintes: Ofertas para o crescimento espiritual e para a reflexão crítica, foros para a discussão da fé e de desenvolvimentos sociais, percepção do âmbito social e busca pelas iniciativas diaconais adequadas, atos públicos (p. ex. serviços de culto especiais, reuniões de formação, evangelizações), cultivo de relacionamentos ecumênicos, participação na vida pública do próprio lugar e nos desenvolvimentos da própria Igreja, bem como dos relacionamentos a outras Igrejas e religiões.

Seja que forem que as comunidades escolham os seus próprios pontos de gravidade, deverá ficar na consciência que os aspetos diferentes de missão pertencem ao mesmo grupo. O anúncio duma volta libertadora de Deus, o testemunho diaconico e político de feito, bem como o partir pelo mundo inteiro da solidariedade ecumênica, são aspetos coerentes no agir da Igreja.

O encontro com outras confissões e Religiões

Em atos públicos e de evangelização se mostra até que ponto os processos de aprender ecumênicos no diálogo inter-religioso já foram absorvidos. As comunidades eclesiais e a Igreja constituída não são ilhas num mar de "pagãos". Fora das comunidades eclesiais, os membros das comunidades encontram também cristãos de outras confissões e tradições. Atos públicos, portanto, deveriam ser preparados e realizados em responsabilidade ecumênica e cooperação, para evitar qualquer angariar de membros de outras Igrejas²

Os membros de comunidade encontram também cada vez mais pessoas de outras religiões. O realizar duma boa convivência com outros vizinhos que crêem diferentemente e processos de aprendizagem no diálogo inter-religioso ganham, nisso, cada vez mais peso. Um entendimento responsável e integral de missão se apresenta aos desafios do diálogo inter-religioso.

A visão nova das Religiões

Processos de aprendizagem eclesiais

As Igrejas se encontram hoje num processo mundial de aprendizagem a respeito do

esclarecimento dos seus relacionamentos a outras religiões no mundo. Aprenderam que, em princípio, não podem negar a outras religiões um conhecimento de Deus. Por isso, as Igrejas hoje estão postas diante da tarefa de esclarecer o seu relacionamento a outras religiões, instruindo os seus membros das suas comunidades para uma convivência frutífera com pessoas de outra fé.

A proximidade especial da fé cristã ao Judaísmo e também, embora cunhada de outro modo, ao Islame, joga nisso um papel completamente específico. Com nenhuma outra religião a Cristandade compartilha Escrituras Santas comuns (Judaísmo), respectivamente tradições comuns de narrativas (Islame). O que significa essa proximidade para os nossos relacionamentos ao Judaísmo e ao Islame?

Relacionamentos novos ao Judaísmo

No diálogo cristão-judaico se aprendeu nos últimos decênios que a Cristandade, desde o começo, está posta numa relação especial ao Judaísmo. Dentro da EKNH essa relação especial recebeu expressão numa mudança do artigo básico pela inserção das frases seguintes: "De cegueira e culpa chamada à conversão, a Igreja testemunha novamente a escolha permanente dos judeus e da aliança de Deus com eles. A confissão a Jesus Cristo inclui esse testemunho." Com isso, o fundo teológico para as relações das Igrejas ao Judaísmo está sendo mantido: O reconhecimento da escolha permanente dos judeus na base da aliança não-revogada do Sinai. Se Deus, que os cristãos confessam como o Pai de Jesus Cristo, mantém a Sua aliança com a comunidade judaica, então a comunidade cristã não está sozinha no espaço, está ao lado da religião irmã judaica. Não há Igreja senão em vizinhança ao Judaísmo. O ensaio nessa vizinhança especial deveria ser aceito como tarefa eclesial central no cultivo de boas relações às comunidades judaicas, na promoção do entendimento mútuo, no engajamento comum contra todas as formas de anti-semitismo e na participação no diálogo cristão-judaico.

Recusa à missão aos judeus

Depois da declaração "Igreja e Israel" da comunidade eclesial de Leuenberg do ano de 2001, o reconhecimento da escolha permanente de da comunidade judaica inclui que a Igreja não tem encargo de induzir judeus a transgredir à Cristandade: "A comunalidade do testemunho do Deus de Israel e a confissão ao agir soberano de escolher desse Deus Único é um argumento importante para que as Igrejas se abstenham de quaisquer atividades que almejem apontadamente a conversão de judeus à Cristandade³

Numa declaração de imprensa de 8/9/1998, o Conselho da EKD (Evangelische Kirche Deutschlands = Igreja Evangélica da Alemanha), depois de um colóquio com o Conselho Central dos Judeus na Alemanha, que todas as 24 Igrejas membros da EKD recusam uma missão aos judeus que almeje "uma conversão" dos judeus "por razões teológicas".

Modelos dos relacionamentos cristãos-judaicos

Do reconhecimento da validade permanente da aliança e da recusa da missão aos judeus seguinte daquela, resulta que a Igreja está chamada a desenvolver modelos novos para o relacionamento ao Judaísmo, os quais tenham em conta esses conhecimentos. Assim, p. ex., a declaração de Leuenberg a "Igreja e Israel" os cristãos e judeus como parceiros, os quais percebem responsabilidade intervindo para "retidão, paz e conservação da criação"⁴

A renovação fundamental dos relacionamentos entre judeus e cristãos que se ressalta também em modelos tais será para se afirmar em projetos concretos do encontro e da cooperação.

As experiências na formação do relacionamento especial ao Judaísmo poderão também ter um efeito de aprendizagem positivo para o treinamento da capacidade de vizinhança também para com outras religiões. Nisso, as comunidades hoje estão sendo desafiadas especialmente no esclarecer os seus relacionamentos à comunidade moslêmica. Na Alemanha, a maioria dos contatos se realiza com moslins.

Relacionamentos ao Islame

Num serviço para a "convivência com moslins na Alemanha" o Conselho da EKD chama a aceitar a "tarefa de neo-orientação cristã" no relacionamento aos moslins.⁵ Sem suplantar as divergências profundas entre o Islame e a Cristandade, os cristãos podem, apesar disso, perceber agradecidos a descoberta de "vestígios" da sabedoria e realidade divinas, bem como "vestígios da ação de espírito também nos moslins".⁶

Na declaração "*Nostra Aetate*" do Concílio Vaticano Segundo, a Igreja Católica, no relacionamento aos moslins, intervém a favor de "se esforçar sinceramente por um entendimento mútuo" e de cuidar "juntos ... para a proteção e promoção da justiça social, dos bens morais e, não por último, da paz e da liberdade para todas as pessoas humanas". Com respeito sentido profundamente, o Concílio declara: "Com consideração alta, a Igreja considera também os moslins, que veneram o Deus único, o vivo e sendo em si mesmo, misericordioso e onipotente, o criador do céu e da terra.."

Além do esclarecimento das muitas questões práticas a respeito da convivência com moslins nas

nossas cidades e comunas, se trata também de promover o entendimento do Islame e dos relacionamentos cristão-islâmicos. Como o Islame se refere, através Ismael, a Abraão, surge nisso a questão, se a bênção divina testemunhada bíblica para Ismael (Gn 16,10ss.; 17,20; 21,18) possa formar um ponto de partida para o esclarecimento da relação da Cristandade ao Islame. Um desafio decisivo no diálogo entre Igreja e Mesquita, certamente, consistirá em se possa conseguir encontrar uma linguagem comum para as contradições entre tradição cristã e islâmica, linguagem essa que se esforce a fazer jus a ambas as tradições de fé.

Diálogo inter-religioso

O diálogo inter-religioso está ainda muito no início. O diálogo cristão-judaico e o diálogo cristão-islâmico deveriam, portanto, continuados com ênfase a serem desenvolvidos. Também vale aprofundar o encontro trilateral entre judeus, cristãos e moslins, aprofundando o entendimento também das outras religiões.

Nisso, no relacionamento inter-religioso não pode ser suposto um entendimento comparável como dentro da ecumena eclesial sobre o conceito de "*missio dei*" mencionado acima. Ainda não está concebível se, no diálogo inter-religioso no consenso possa ser encontrado um conceito comparável. As Igrejas têm a tarefa, como representantes da fé cristã, tomarem parte na procura por uma base comum teologicamente responsabilizável para o diálogo inter-religioso e da convivência inter-religiosa.

Diálogo e missão

A aceitação consciente dessa tarefa está sendo reforçada também pelo que obras eclesiais e âmbitos de atividade, que se engajarem no diálogo, em vês do conceito "missão" no encontro inter-religioso historicamente carregado e necessitando de esclarecimento, procuram também outras indicações, a fim de designar o relacionamento novamente a aprender.⁷

Assim, p. ex., o ÖRK (Ökumenische Rat der Kirchen = Conselho Ecumênico das Igrejas) instalou um ambiente próprio de trabalho para "Relacionamentos Inter-religiosos e Diálogo". O Vaticano estabeleceu a "Comissão para Relacionamentos Religiosos entre a Cristandade e o Judaísmo" no "Conselho Papal para a Promoção da Unidade dos Cristãos", para assim sublinhar as relações especiais entre a Cristandade e o Judaísmo. Para o diálogo com outras religiões está competente, no Vaticano, o "Conselho Papal para o Diálogo Religioso".

Ali, onde o conceito "missão" está sendo mantido, deve chegar a ser claro, no encontro com pessoas de outras religiões, que sejam levadas a sério como parceiras no diálogo, e não feitas objetos do agir eclesial.

A tarefa de hoje: Testemunho e diálogo na presença de outros

Testemunhar e ouvir

Do que foi dito até agora, resulta que a fé cristã hoje tem de aprender levar à expressão o seu conhecimento e as suas experiências de fé na presença de outras convicções. Nisso, um respeito

básico perante outros modos de crer deve chegar a ser reconhecível.

Segundo a tradição bíblica, os cristãos devem ser "testemunhas" de Jesus Cristo no seu lugar de habitação e pelo mundo: "Em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra" (At 1,8). Já no início, isso estava ligado com o processo de aprendizagem da comunidade jovem, quando, p. ex., o apóstolo Pedro, no encontro com um centurião romano, o qual já antes da sua recepção na Igreja cristã tinha um relacionamento com Deus, confessa: "Verdadeiramente, agora entendo que Deus não vê a pessoa [persona = máscara pela qual o ator do teatro grego falava representando alguém outro; trad.], mas sim quem O teme fazendo o que é reto; este Lhe agrada, não importa a que povo pertença" (At 10,34s.).

Quando os cristãos aprenderem testemunhar, em palavra e feito, a sua fé no lugar e pelo mundo, ouvindo nisso também, em respeito, as outras convicções, perceberão proximidade e distância a outras comunidades religiosas. Esses relacionamentos diferentemente próximos e longínquos a outros estão para serem trabalhados e aprofundados no diálogo, a fim de os entender mais exatamente. O diálogo, assim, ajuda criar os fundamentos para o encontro e a convivência de humanos de religiões diferentes. Ajuda os membros das Igrejas a se treinarem nessa convivência na capacidade chegada a ser urgentemente necessária de vizinhança.

Comunicar a fé própria, respeitar outra fé

Cada diálogo vive de pontos de vista e convicções tomados espontaneamente. Em vista da ligação religiosa diminuinte, chegou o momento - veja acima - para criar, para os membros das Igrejas mais possibilidades de treinamento na fé cristã, do crescimento espiritual e do aprofundamento do mundo de linguagem da fé no seu relacionamento às facetas da vida humana presente. Os membros das Igrejas cristãs estão para serem promovidos também para desenvolverem a competência para o colóquio inter-religioso e o encontro inter-religioso. A experiência no diálogo inter-religioso mostra que o encontro outras tradições de fé possa dar um impulso estimulado para o perguntar pela identidade religiosa própria.

Hoje é importante, não só poder confessar a fé cristã com ajuda de tradição cristã, mas sim aprender a expressar o reconhecimento dela perante o vis-à-vis que crê diferentemente, sem desvalorizar a convicção de fé dele.

Limitações necessárias

Também o diálogo não é acontecimento ilimitadamente aberto. Às vezes é também para constatar dissonâncias insuperáveis. Não todos os cultos estão para serem indiscriminadamente reconhecidos como parceiros no diálogo. Depois do exame cuidadoso, chegar-se-á também a limitações claras, p. ex. referente a atitudes e ações destrutivas, desprezadoras de humano e glorificadoras de violência, também dentro das religiões "clássicas". Os critérios para tanto estão sendo para serem exatamente elaborados e a serem reexaminados no diálogo com outras comunidades de fé.

A contribuição dos cristãos para os problemas do nosso tempo

A humanidade está hoje diante dos riscos no âmbito da ecologia, da economia, da técnica genética, de conflitos violentos, do terrorismo e da pobreza crescente. A cooperação das religiões, o desenvolvimento de pontos de vista comuns e de projetos comuns para encontrar com esses

perigos estão hoje precisados urgentemente. As Igrejas precisam de competência nesse desafio central do presente. Qual é a contribuição essencial que os cristãos hoje podem e querem hoje prestar na sociedade multi-religiosa e multi-cultural para uma vida humana digna em paz, justiça e conservação da criação?

Relação entre missão e diálogo

A partir desse fundo, missão e diálogo ficam tarefas centrais da atividade eclesial. Missão e diálogo são "duas dimensões do um só testemunho cristão".⁸ Missão incorpora a dimensão da transmissão do Evangelho⁹ como a oferta doada oferta para volta, para perdão, para libertação e para cura no meio de contradições, de conflitos e de perigos crescentes neste mundo. A tarefa de missão lembra a comunidade poder, num encontro com outras religiões, dar conta, numa linguagem apropriada, sobre o fundo da esperança cristã (1Pd 3,15).

O Diálogo incorpora a dimensão do entender de estranho¹⁰ permitindo a visão de que a conversão, libertação e cura doadas por Deus, se encontram também ¹¹. O diálogo lembra a comunidade para ficar, também na missão, consciente da aliança não-revogada de Deus com a humanidade (Aliança Noáquica), da aliança não-revogada com Israel e da bênção para Ismael. Na configuração das relações a outras religiões, as comunidades aprendem, em qual dessas relações lhes resultam parceiras como "testemunhas de Deus" neste mundo.

Imaginações de guias teológicas

A relação de Deus ao mundo

A Bíblia põe a relação de Deus em relação ao mundo e à humanidade antes da Aliança de Noé e antes da Escolha de Israel e a "Nova Aliança" em Jesus Cristo, iniciada em Israel como oferta para todos os povos. Visto teologicamente, isso significa que Deus não toma o seu caminho à humanidade não somente pela Igreja. Deus mantém, na sua liberdade, relações à humanidade e, dentro desta, também à Igreja. Conhecimento de Deus e experiências da sua presença são, em princípio, possíveis também fora da Igreja.¹² A Igreja tem de contar com o espírito de Deus, que voa onde quer, encontrar-lo também onde não o suspeitaria. Na confiança em Deus, e no fundo da revelação doada de Deus em Jesus Cristo, a Igreja se pode abrir a tais encontros.

A missão da comunidade

No assim chamado mando de envio de Jesus (Mt 28,19s.), Jesus chama os seus seguidores que façam todos os povos seus "discípulos". Surge a visão duma comunidade mundial de aprender, cuja base são as palavras de Jesus. Os cristãos têm a tarefa de apresentar a riqueza do conhecimento mediado por Cristo e toda a tradição bíblica em colóquios, debates, conflitos e esforços de soluções. O testemunho cristão precisa de competência comunicativa para poder transmitir os aspetos salvadores, curadores e úteis da fé cristã. Tal mediação é sempre também um convite para a participação na comunidade de aprender fundada por Jesus.

No meio da multiplicidade da configuração de vida humana, a Igreja tem a tarefa de celebrar o seu entendimento da volta de Deus ao mundo, correspondendo a essa na sua configuração de vida e atividade.

Verdade como acontecimento

A Igreja no seu testemunho, porém, não tem a verdade divina como a sua propriedade. A comunidade dos cristãos está concebida como "discipulidade" de Jesus contida num processo de aprendizagem contínuo. Pode confiar em tudo que a verdade se impõe por si mesma. Isso pode, inteiramente, acontecer por vozes não-cristãs. A Igreja, portanto, estará disposta, também na apresentação da sua mensagem, a ouvir também os outros e esclarecer em diálogo qual será a importância que essas vozes possa ter para ela e das quais ela se tem de demarcar claramente.

O mundo novo de Deus

A Igreja testemunha o agir curador, ajudador e benzedor de Deus não como fim em si. Testemunha o agir de Deus como renovação do mundo e do futuro deste na criação nova de céu e terra (Ap 21,1). Como fim da atividade eclesial, do testemunho cristão e dos esforços eclesiais para diálogo, os cristãos, daí, estão sendo remetidos, pelo Novo Testamento, ao Reino de Deus, à presença graciosa de Deus. Que Deus se volta a este mundo graciosamente fica a base, a motivação e a orientação central da versão da Igreja ao mundo, da sua vida e do seu testemunho no meio da comunidade humana plural.

Notas: Veja no fim do texto alemão e/ou inglês.

Texto alemão e Texto inglês. Tradução:

Pedro von Werden SJ

Rua Padre Remeter, 108

Barro Baú

78.008-150 Cuiabá, MT

BRASIL

[pv-werden\(at\)uol.com.br](mailto:pv-werden(at)uol.com.br)